

OS ÚLTIMOS PIONEIROS: MEMÓRIAS DE UM RITUAL

CADERNOS AA

Daniela Rodrigues¹

Na Jugoslávia, até ao seu desmembramento, todas as crianças eram iniciadas no movimento pioneiro. Celebravam a ideologia da Federação de “Fraternidade e Unidade”. Mas nos anos 90 novos valores entraram na então independente República da Eslovénia. Como é que a última geração de pioneiros sentiu esta transição?

Palavras-chave: pioneiros; Yugonostalgia; Eslovénia; memória; ritual; filme etnográfico

O SURGIMENTO DA IDEIA²

*Hoje, que me torno um pioneiro,
dou a palavra de honra pioneira:
vou ser diligente a aprender e a trabalhar,
respeitarei os meus pais e os professores,*

1 CRIA-UNL, Lisboa, Portugal. Contacto: m.daniela.r@gmail.com.

2 Fui desafiada para escrever um relato do processo de realização do meu primeiro filme etnográfico. Não posso terminar este texto sem agradecer a todas as pessoas que tornaram possível a sua concretização. Como tentei deixar claro aqui, toda a pesquisa teve uma estrutura circular, de ida e volta entre objectos e memórias, trocas de informações e de ideias. Em primeiro lugar, quero agradecer aos pioneiros que aceitaram participar no filme e partilharam as suas memórias que me ajudaram a reconstruir o ritual – ao Mark Požlep, ao Diego Menendes, ao Tadej Hrovat, à Kaja Avberšek, à Kristina Bratoz, ao Marko Šturm, ao Domen Uršič, à Nina Hercog, ao Jaka Zurman e ao Miha Deisinger. Ao Samo Milnar, à Kristina, à Kaja e ao Tadej por me terem disponibilizado as suas fotografias com a farda dos pioneiros. À Maja Žiberna por me facilitar o acesso aos arquivos audiovisuais da sua celebração em Krško. Ao Kajetan Voglar e aos seus pais, pela gravação áudio do hino. À Eva Matarranz por me ter apoiado na realização de entrevistas na Nova Gorica e apresentado aos seus amigos dessa cidade. À Špela Čepin e ao Tomaž Pavkovič pelo apoio na tradução integral das entrevistas que realizei, ao Paulo Fonseca pela revisão das legendas em inglês, às minhas colegas voluntárias na DZMP – Špela, Estefania Nocete, Coralie Girard, Claire Billard, Anna Savchenko e Eva – pelas revisões constantes durante o processo de edição, ao Boris Petkovič pela mentoria e novamente ao Tomaž por me disponibilizar o maravilhoso arquivo do seu pai, Franc Pavkovič, sem o qual este filme não teria o teor nostálgico essencial para transmitir esteticamente a dimensão dos tópicos que procurei explorar

serei um camarada leal e honesto,
que mantém a sua promessa.
Guiar-me-ei pelo exemplo dos melhores pioneiros,
respeitarei os feitos gloriosos dos partizans
e daqueles que procuram a liberdade e a paz;
Amarei o meu país auto-gerido,
a República Federal Socialista da Jugoslávia,
os seus povos e nacionalidades fraternas,
E construirei uma nova vida
cheia de felicidade e alegria

Voto dos pioneiros

Mark: Do dia em que me tornei pioneiro, guardo apenas pequenas memórias ...

Diego: Por um lado, são belas memórias. Mas por outro, muitas coisas ainda não estão clarificadas.

(Transcrição de um excerto do filme)

Para falar sobre o processo de realização da curta documental *Os Últimos Pioneiros*,³ começo por recordar o episódio que me fez despertar curiosidade sobre este *ritual*. Residia há dois meses na Eslovénia quando adquiri, num alfarrabista de Celje e de forma desinteressada, um número comemorativo de uma revista infantil ilustrada chamada *Ciciban*. Estava acompanhada por um amigo esloveno que me traduziu para inglês esta palavra como “pupilo” ou “aprendiz”. Mais tarde vim a saber que *ciciban*, na Ex-Jugoslávia, significava também o estágio etário das crianças até aos 7 anos de idade, altura em que, mediante um ritual, se tornavam pioneiros.

Esta revista lúdico-educativa é editada semanalmente desde 1945 para um público pré-escolar. Este número específico datava de 1995 mas compilava excertos de edições dos 50 anos anteriores (ver figura 1). É muito provável que meu amigo, nas respectivas épocas de edição, tenha folheado algumas das páginas reproduzidas neste volume. Enquanto percorria as folhas do meu recentemente adquirido exemplar, lembrou-se dos versos do voto que se declamava na celebração para se tornar num pioneiro e vieram-lhe à cabeça fragmentos de memórias que partilhou, na mesma tarde, com o Mark, seu amigo de infância, quando este se juntou a nós para um café não planeado. Juntos e de forma espontânea, trocaram uma série de palavras em esloveno, folhearam a revista antiga e fizeram uma pesquisa no google para encontrarem a transcrição integral desse voto, ou juramento. Leram-no pela primeira vez desde o dia da celebração que os tinha tornado Pioneiros da Jugoslávia. No final, o Mark – que veio a ser um dos personagens do meu filme – comovido, tentou explicar-me a real dimensão do seu conteúdo, auxiliando-se de dicotomias entre “aquela época” e a “sociedade individualista” actual. Quando mais tarde filmei a minha última entrevista fiquei contente por o ter captado a descrever este mesmo episódio: “há dois ou três meses, um amigo mostrou-me o voto dos pioneiros e foi fantástico. No final fiquei com pele de galinha, foi impressionante”.

na minha investigação. E por fim, aos locais onde pude até agora apresentar o filme e receber feedback de outros pioneiros e de outro público e continuar o processo de aprendizagem desta investigação. Curiosamente, termino a escrita deste relatório no dia 29 de Novembro de 2013. Seria hoje o Dia da República – Dan Republika, evocado no filme. E hoje o filme será novamente exibido em Ljubljana às 19 horas e em Zagreb às 20, onde espero que desperte mais memórias do passado e momentos de nostalgia reflexiva sobre presente.

3 Título original: *Zadnji pionirji*, 11min, Eslovénia 2012, disponível para visionamento em <<https://vimeo.com/59833551>> <<https://vimeo.com/59833551>>.



Fig. 1: Compilação de logotipos e ilustrações de várias secções da revista *Ciciban* entre 1985 e 1995, retirados do volume referido no texto. “O ‘ciciban’ cozinha sozinho”; “Escola Feliz”; “Escola e algo mais”; “Onde é que se compete?”.

Vivi na Eslovénia no quadro de um projecto de voluntariado,⁴ entre Maio de 2012 e Junho de 2013, onde desenvolvi actividades de educação audiovisual, *media* alternativos e filme participativo. Apesar de me ter licenciado em Antropologia, de ter completado um Mestrado em Migrações, Interetnicidades e Transnacionalismo e de ter tido experiências de trabalho de campo e investigação académica, considerei este período como uma interrupção do meu percurso nesta área, com o objectivo de experimentar outros horizontes teórico-metodológicos. Ao colaborar voluntariamente com uma ONG eslovena durante um ano, obtive formação em documentário. Entre outras, as minhas tarefas principais ao longo deste período foram a realização de duas peças documentais por mês e foi neste contexto que planeei e concretizei este filme: não como antropóloga, mas como aprendiz de documentarista. Escrevo este artigo um ano após esta experiência extra-académica e regressada à academia. À distância apercebo-me de que, embora não o tenha planeado, a investigação que realizei enquanto colaboradora de uma produtora de cinema documental teve afinal paralelismos temáticos e metodológicos com investigações antropológicas. Procuo expô-los através da descrição metodológica daquela que acabou por ser a minha primeira experiência em filme etnográfico.

O RITUAL

Tadej: A professora, na altura camarada, ensinava-nos como dizer República Federal Socialista da Jugoslávia. Mas nós não sabíamos o que é que isso significava. (Transcrição de um excerto do filme)

4 Neste período colaborei com a associação DZMP (<http://www.luksuz.si/eng/>) e produtora Luksuz produkcija no quadro do programa Serviço Voluntário Europeu (<http://www.sve.pt/>), financiado pela União Europeia.

Dois elementos – a revista Ciciban e o voto – tinham despertado memórias nos meus dois companheiros. Eu não as entendi mas percebi a sua intensidade latente. Daí para diante, de forma muito informal, comecei a questionar amigos sobre o ritual de integração no Movimento Pioneiro da Jugoslávia. Embora perante a questão “o que era isso de se tornar pioneiro?” tenha recebido essencialmente respostas lacônicas – pela falta de interesse que o tema, associado aos yugonostálgicos,⁵ parecia despertar – fui percebendo que o Mark, tal como muitos do meu círculo social, faziam parte das últimas gerações que participaram na celebração dos pioneiros que, na Eslovénia, terminou entre 1989 e 1990. E que viveram enquanto crianças, o desmembramento da Jugoslávia e a transição para a República da Eslovénia, cuja independência foi declarada em 1991 e reconhecida em 1992. Ao longo dos anos 90 e até à sua integração na União Europeia em 2004, o país transitou de um sistema político socialista para o sistema parlamentar, de uma economia planeada pelo estado para um contexto capitalista, de um (inter) nacionalismo comunista para novos etnocentrismos, eurocentrismos e ocidentalismos, de uma Federação multinacional para um estado-nação autónomo e independente (Velikonja 2008, 2009), da “Unidade e Fraternidade” jugoslavas para uma “Unidade na Diversidade” europeia (Debeljak 2003). Estes processos tiveram alguns resultados negativos como, entre outros, a degradação do Estado-social, a introdução do turbo-capitalismo, o aumento de desigualdades sociais e o ressurgimento de discursos nacionalistas (Velikonja 2009: 537). Sobretudo após a integração na União Europeia, a Eslovénia passou a ocupar um lugar periférico e de charneira entre o Norte e o Sul, entre o Ocidente e o Oriente e entre a Europa e o resto,⁶ lugar de tensão por entre as conotações valorativas associadas a uma geografia simbólica europeia que deprecia o Leste e menoriza o Sul (Baric-Hayden & Hayden 1992). Estas transições colocaram ainda o país no âmago do capitalismo global e protestos públicos contra as suas vicissitudes, que têm vindo a ser contestadas em vários países – do *occupy wall street*, às acampadas espanholas – surgiram na Eslovénia pela primeira vez em Maribor, em 2012, estendendo-se a várias cidades por todo o país na altura em que realizei esta investigação.

Temas relacionados com o tal ritual, com os Pioneiros e, por extensão, com a Jugoslávia, começaram a interessar-me mais à medida que me fui apercebendo que as pessoas com quem me cruzava descreviam a situação actual da Eslovénia com recurso a estes dualismos Europa/Balcãs, Capitalismo/Socialismo, *partizan*/não *partizan* (ou católico).⁷ Expressões como Yugosnoltagia ou yugonostálgico eram também frequentes, usadas de forma pejorativa, irónica ou, efectivamente, nostálgica. Em suma, uma ideia – ou antes, múltiplas ideias – de Jugoslávia (o seu período no tempo e/ou a sua geografia no espaço – territórios da Ex-Jugoslávia enquanto Balcãs) não só eram recorrentes nos discursos sobre a contemporaneidade eslovena, como também eram recursos usados, de formas diversas, para dar sentido a narrativas sobre o presente.

Uns meses depois do episódio descrito acima, e no seu seguimento, optei por trabalhar os dualismos enunciados pela perspectiva de jovens. Para investigar essas tensões, optei por escolher para universo de estudo um grupo de pessoas elas mesmas num local de charneira

5 Quem sofre de Yugonostalgia – expressão Jugoslava do fenómeno de nostalgia pelo socialismo ou *nostalgia vermelha*, comum em sociedades pós-socialistas (Velikonja 2008: 33).

6 Durante a minha pesquisa, a Eslovénia era o único estado da Ex-Jugoslávia que pertencia à União Europeia. No entanto, em 2013, com a adesão da Croácia, as fronteiras da União alargaram-se mais para o sul e mais para o oriente.

7 Actualmente, *partizan* pode significar apoiante do partido comunista, apoiante do Tito, apoiante da ideologia da Jugoslávia, Yugonostálgico mas também não-católico, anti-capitalista ou seguidor de outros valores associados à esfera da esquerda política.

desse processo de transição: eslovenos que tinham integrado as últimas gerações de pioneiros; isto é, que tinham participado da socialização ideológica que visou imbuí-los no projecto socialista jugoslavo. A minha intenção era perceber, por um lado, como é que uma geração que foi introduzida, através da participação de processos de socialização, numa determinada realidade (Jugoslávia, socialismo) com discursos dominantes específicos (entreatajuda, comunitarismo) sentiu a transição para um contexto com características antagónicas às do passado (Europa, capitalismo, competição, individualismo) e por outro, como é que avaliava agora a presente realidade. Depois de ter assente o universo de estudo, delimito o meu objecto de análise às memórias da celebração de integração no movimento pioneiro jugoslavo. Tinha ficado com a sensação de que as memórias sobre os dias enquanto pioneiros continham algo de íntimo e inexplicável, que eram uma expressão de um verdadeiro *embodiment* da ideologia para o qual assumi que o ritual e a vida de todos os dias à data tinham tido um papel central. Entendi então a celebração como um dos elementos do *do it yourself kit* de processos de construção de nação (Löfgren 1991) e por isso um bom ponto de partida que me permitisse aceder a outras dimensões da transição e das tensões que queria abordar. Em primeiro lugar, procurei reconstruir a sua estrutura ritualística e para tal realizei uma série de entrevistas exploratórias e algumas pesquisas bibliográficas para começar a perceber em que consistia a celebração e conhecer os elementos da sua cultura material e imaterial. Fui tomando notas avulsas no meu diário de campo e recolhendo arquivos em diversos formatos: fotografias, ficheiros áudio, imagens vídeo.



Fig. 2: Grupo de pioneiros logo depois de receberem as «titovkas». 29.11.1989, Velenje.

Quem participava no ritual passava a ser membro de uma organização de pioneiros. A União de Pioneiros da Jugoslávia foi criada em 1942 (Velikonja 2008),⁸ seguindo o modelo soviético, sendo os seus membros crianças e jovens a partir dos 7 anos, independentemente do

8 Na mesma altura surgiram organizações semelhantes noutros contextos comunistas dos Balcãs (na Roménia, na Bulgária e na Albânia), na Europa Central (Hungria, Checoslováquia e Polónia) bem como fora de Europa (China, Coreia do Norte e Cuba) (Erdei 2006).

género. As organizações pioneiras na Jugoslávia funcionaram como um instrumento institucional para a produção da infância na sociedade socialista e o seu objectivo último era construir emoções patrióticas e desenvolver um sentido de pertença ao colectivo ideológico desde uma idade jovem (Erdei 2006). Estas emoções foram estimuladas através do cruzamento, nas actividades das organizações, de conteúdos lúdicos, como brincadeiras e desporto, com conteúdos ideológicos – a juventude em acção, a unidade e fraternidade, o culto do líder e a pertença comunitária. Ser admitido numa organização pioneira era, na verdade, apenas o primeiro passo para a socialização plena que transformava gradualmente o indivíduo num membro da comunidade socialista: depois de se tornar pioneiro, aos 14 anos passava a pertencer à Organização da Juventude e mais tarde, na idade adulta, tornar-se-ia membro do partido (Erdei 2006). Numa das entrevistas chegaram-me a dizer que o mais estranho de tudo era que esta geração tinha ficado para sempre pioneira: “eu só fui pioneiro, nunca cheguei a ser Mladi⁹ e isto foi frustrante para mim. Mais tarde, ter-me-ia tornado membro do partido comunista. Na verdade, não é que eu me quisesse tornar nalguma coisa. É mais aquela sensação de não termos acabado aquilo que começámos”.¹⁰

AS COISAS

Kaja: Lembro-me que tínhamos de usar uma camisa branca e penso que uma saia azul. Depois reunimo-nos no átrio principal da escola e estávamos todos vestidos de igual (...) Mais tarde, chegaram os alunos mais velhos, deram um lenço vermelho a cada um e colocaram nas nossas cabeças um chapéu azul com uma estrelinha vermelha. (Transcrição de um excerto do filme)

A celebração da integração na União de Pioneiros da Jugoslávia acontecia em toda a Federação a 29 de Novembro, Dia da República. O ritual enfatizava dramaticamente a mudança de estatuto de criança *ciciban* para o de futuro pioneiro e esta performance ritualística era composta por diversos elementos. Desde 1946 que os símbolos da organização eram um lenço vermelho – *rutica* e um chapéu azul com uma estrela vermelha – *titovka* (Erdei 2006). Alguns destes elementos da cultura material não me eram de todo estranhos. Reconhecia as *titovkas* e as *ruticas* que, juntamente com outros objectos como retratos do Tito, bandeiras da Jugoslávia e postais de *partizans* fazem parte da parafernália de coisas consideradas vintage ou ícones Yugonostálgicos que decoravam muitos dos ambientes domésticos e públicos que frequentei na Eslovénia e nos outros países da Ex-Jugoslávia. Velikonja (2008) considerou estas coisas produtos que representam hoje em dia a dramatização, objectificação e mercantilização da Yugonostalgia ou Titonostalgia¹¹ nos países da antiga Federação. Mas eu desconhecia as suas antigas funções e significados durante o período Jugoslavo, no seio do ritual: sobretudo a *rutica* era um símbolo mnemónico do “passado revolucionário” e do Tito (Erdei 2006) e usá-lo era um motivo de orgulho para os pequenos pioneiros, que se sentiam pertencer a um grupo mais vasto, imbuídos de responsabilidade e, sobretudo, mais crescidos (ver figura 4). Antes de receberem estes objectos, os pioneiros tinham de declamar o voto citado no início do texto. Este voto sofreu algumas alterações ao longo dos anos mas a sua mensagem original, que enfatiza a lealdade do pioneiro ao estado e ao povo jugoslavo, permaneceu a mesma (Erdei 2006). Este juramento era declamado em conjunto e todos os futuros pioneiros estavam vestidos com um uniforme:

9 Mladi: Júnior; Membro da Organização da Juventude.

10 Domen, entrevista realizada a 17.11.2012 em Cerkno. Este excerto não chegou a ser utilizado na versão final do filme.

11 Nostalgia pelo Tito (1892-1980), líder carismático da Jugoslávia entre 1953 e 1980.

camisa branca e saia ou calças azuis – que, quando acrescentada a *rutica*, replicava as cores da bandeira jugoslava (ver figura 2).

Além da *rutica* e da *titovka*, os pioneiros que entrevistei receberam ainda um livro de conduta da União de Pioneiros da Jugoslávia e um conjunto de ilustrações didáticas com informações relativas ao comportamento quotidiano (ajudar os pais na lida da casa, os mais velhos que encontrarmos na rua ...) e relativas à gestão de práticas corporais (práticas desportivas, hábitos de higiene - ver figura 3 - e alimentares).

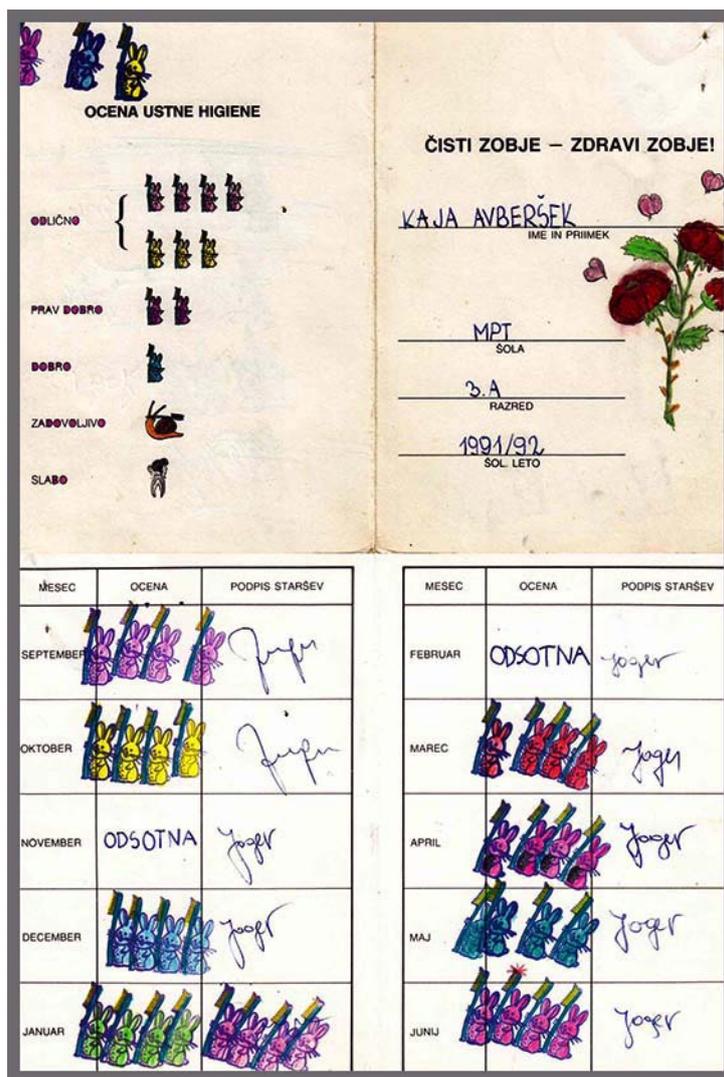


Fig. 3: Boletim de controle da higiene dentária (frente e verso). “Dentes limpos, dentes saudáveis!”

O CORPO

Kristina: Eles punham-nos um comprimido vermelho na boca e se não tivesses lavado os dentes, eles ficavam vermelhos. E tinhas de os mostrar em frente à turma toda. “Ai ai, não lavaste os dentes!”. (Transcrição de um excerto do filme)

À parte os objectos recebidos no dia da celebração, outros elementos presentes no quotidiano dos jovens pioneiros estavam também assentes na produção de uma infância dirigida por actividades de “desenvolvimento criativo positivo” (Erdei 2006). Brinquedos, livros, e revistas difundiam o ideal de criança activa – a *Ciciban* que despoletou as memórias ao meu amigo – e elementos associados às práticas corporais – como centros desportivos ou boletins didácticos de controle de higiene dentária – regulavam os tempos livres e as *técnicas de corpo* (Mauss 1936) e modelavam o *habitus* (Bourdieu 1979) das crianças jugoslavas, para um pleno embodiment da ideologia: “Concern with hygiene was an obvious example of how care for the bodies of the Pioneers came to be part of the creation of the new socialist man” (Erdei 2006).



Fig. 4: Retrato de Samo no dia em que se tornou pioneiro, Velenje, 29.11.1989.

O FILME

O que é visível é um caminho para o não-visível

Béla Balázs

Feita a pesquisa exploratória, comecei a questionar-me como tratar estes temas invisíveis – memória, transição, nostalgia, *habitus*, um ritual que já não existe – através de métodos visuais. Comecei por tentar perceber o que é que daqui era visível ou performático. A primeira pista, e a mais óbvia, era a cultura material, os objectos do ritual. Mas estes, hoje em dia, descontextualizados dos seus usos do passado, evocam outros significados – a tal Yugonostalgia mercantilizada. Como é que podia filmar *ruticas* e *titovkas* imbuindo-as com as conotações passadas?

Lembrei-me também de procurar por registos da celebração. Graças a um grande amigo e companheiro de trabalho, tive acesso ao acervo do seu pai, Franc Pavkovič,¹² operador de câmara para uma televisão local eslovena, que captou várias imagens de eventos familiares e públicos, locais e nacionais. Aqui consegui recolher imagens de pioneiros – algumas mesmo em companhia do próprio Tito – captadas nos anos 70 e 80 que decidi, desde logo, incorporar no filme: com uma textura difusa, os cliques seleccionados filmados em super 8 parecem tratar-se de fragmentos de memória. O grão da imagem e o ritmo da sua projecção parecem levar-nos automaticamente a reflectir sobre o passado.

Lembrei-me também de fotografias. Mais do que uma vez, em casa sobretudo de pessoas da geração dos meus pais, tinha visto expostos retratos emoldurados dos seus filhos vestidos como pioneiros: no dia da celebração, era comum tirarem-se fotografias individuais e colectivas com os uniformes vestidos (ver figura 4). Recolhi algumas e, mais tarde, quando já estava na fase de filmagens, desafiei os participantes a trazerem as suas para o local de entrevista.

Considerei ainda as publicações: revistas *Ciciban*, os livros de conduta, os boletins de saúde (ver figuras 1 e 4). Tanto ao longo do processo de pesquisa como durante as filmagens, sempre que acedi a um destes objectos, digitalizei-o, fotografei-o e/ou filmei-o mas, sobretudo e sempre que possível, pedi-o de empréstimo para o ter presente em entrevistas futuras, enquanto potencial adjuvante de memória.

E as canções. Gravei cópias que encontrei na internet, transcrevi e traduzi. E, tal como os elementos anteriores, trazia-as comigo sempre que ia entrevistar outro pioneiro. Graças a uma amiga de um amigo, consegui ainda aceder a uma gravação de uma celebração que teve lugar no final dos anos 80 em Krško, a cidade onde eu vivia. Infelizmente não foi possível incluir no filme este vídeo caseiro que apresentava uma qualidade muito baixa. Mas, para complementar as imagens silenciosas em Super 8, dele consegui extrair elementos sonoros da performance do ritual, nomeadamente canções e lengalengas declamadas pelos pioneiros. Este material foi essencial para concluir o processo de edição. No entanto não consegui encontrar nenhuma gravação do hino. E este era central na minha pesquisa: tinha sido a sinédoque mnemónica de todo o início da investigação. Tinha pensado instigar os intervenientes a declamarem o hino durante a entrevista. Mas mais tarde, optei por gravar uma voz de criança a recitar essas palavras – embora

12 Para mais informações sobre este arquivo, consultar: <http://www.pavkovic.si/Home/user_2/0/0/0/Page.aspx>.

manipulatória, esta opção estética prendeu-se, mais uma vez, com uma tentativa de transportar os espectadores do filme para um espaço intermitente entre o passado e o presente evocando memórias do tempo da infância.

AS ENTREVISTAS

Nina: Na segunda classe estudámos “A Jugoslávia, o meu grande país”. E eu tinha a ideia de que era vasta, enorme. Mas no ano seguinte começámos a estudar “A Eslovénia, o meu pequeno país” e foi muito estranho para mim perceber o quão pequeno era afinal este país. Com o desmembramento da Jugoslávia ela deixou de ser grande e ficámos com a nossa Eslovénia, pequenina e minúscula.

Kristina: De repente já não havia Camaradas mas apenas Senhoras Professoras. E para mim isso foi tão estranho, mas o que era aquilo?

Mark: Eu só me lembro de estarem a tirar o retrato do Tito da parede da sala de aula.

(Transcrição de um excerto do filme)

Se queria trabalhar a memória, parecia-me incontornável captar palavras e discursos. A vontade de realizar este filme vinha do facto de ter presenciado um acesso de memória espontâneo e a única forma de trabalhar o tema da transição de regimes e da Yugosnostalgia sem tornar o filme demagógico era dotá-lo de uma dimensão subjectiva. A ideia de entrevista não me pareceu muito sedutora, mas comecei a pensar em estratégias de filmar os meus entrevistados no momento que seriam assomados por rasgos de memória associados ao ritual que queria descrever. Além de palavras e discursos, ao acto de memória estão associadas corporalidades – espantos, olhares, titubeações, gaguejos – que poderia captar em acção, de forma a enquadrar as palavras ditas com envoltórios gestuais e materiais. Percebi que precisava de filmar os meus entrevistados no exacto momento de tensão passado – memória – presente. Uma entrevista, por menos directiva que seja, como comprovei nas primeiras abordagens, não catalisa automaticamente estas exclamações e interjeições. “Often it is only by introducing new stimuli that the investigator can peel back the layers of a culture and reveal its fundamental assumptions” (MacDougall 1998: 135). Para tal, utilizei algumas estratégias catalisadoras para estimular discursos sobre o passado e fazer com que essas lembranças surgissem em frente à câmara. “Memory has always been encoded through a trace, a detail, a suggestive synecdoche” (Boym 2001: 54). Ao longo das pesquisas bibliográficas, a passar pela *Câmara Clara* de Barthes (1980), que reflecte sobre imagem fotográfica e a memória, entendi o potencial da fotografia para o acto de recordar. Considerei que os outros auxiliares mnemónicos que tinha vindo a recolher também detinham esse poder de ferir, provocar e evocar quando colocados em confronto com os meus entrevistados. A câmara e o som síncrono permitir-me-iam guardar esses instantes de expressão de deslumbramento e nostalgia espontâneos, frases soltas e desconexas evocadas perante objectos, fotografias e sons do passado. Neste exercício de antropologia visual, as imagens foram utilizadas em duas frentes: enquanto método, acedendo à imagem (fotografias, arquivos vídeo) como ferramenta de provocação; e enquanto resultado, produzindo o discurso em forma de imagem que contextualiza o sujeito e a sua performance.

Elaborei um guião de entrevista semi-directiva, baseando-me na estrutura do ritual que tinha investigado, no qual comecei por colocar questões muito simples sobre o dia em que o entrevistado se tinha tornado pioneiro. Dividi sempre a entrevista em duas partes: na primeira, fiz perguntas de carácter mais pragmático, voltadas para a descrição do ritual em si. “Do que é

que te lembras do dia em que te tornaste pioneiro? Podes descrever-mo, por ordem, desde que estavas em casa a preparar-te até quando voltaste?”. Desta descrição muito técnica, centrada em todas as etapas do ritual, na performance e nos objectos, partia para questões mais subjectivas. Perguntava como se sentiam durante cada uma das fases descritas do ritual. Daqui, dirigia as minhas questões para o tópico da transição “Como é que te lembras de, enquanto criança, teres deixado de viver na Jugoslávia, para passares a viver num país chamado Eslovénia?”, “Como é que te apercebeste de que as coisas estavam a mudar?”. Tive cuidado em não formular perguntas utilizando expressões como “comunismo” ou “capitalismo”, já que queria aceder à percepção pré-ideológica, enquanto crianças.

Só depois de as informações se terem aparentemente esgotado é que utilizei estratégias catalisadoras tais como mostrar a transcrição do hino, mostrar os documentos que trazia comigo (boletins de conduta, fotografias) ou mesmo estimular o visionamento das filmagens de arquivo que tinha conseguido. Desta forma, de início não condicionei as memórias dos meus entrevistados, dando espaço para me serem apresentados factos que ainda desconhecia. Sem nunca os interromper, ouvi repetições e redundâncias que mais tarde me permitiram destrinçar aspectos da memória colectiva de aspectos de memórias individuais. Ao mesmo tempo, quando passei para a estratégia catalisadora, os meus entrevistados já estavam mais confortáveis perante a câmara e consegui estimular outras memórias e captar o seu surgimento nas filmagens. Era também nesta fase que dirigia mais as minhas perguntas para tópicos que não tinham ainda sido abordados ou que me pareciam ter ficado pouco claros na entrevista “outros pioneiros contaram-me que antes da queda da Jugoslávia vocês chamavam a vossa professora de *camarada*. Que memórias é que tens sobre isto?”. Embora muitas das vezes opiniões valorativas sobre o passado estivessem já contidas nalgumas respostas, normalmente reservava o final da entrevista para questões sobre uma avaliação comparativa do presente.

Para que estas entrevistas tivessem o carácter intimista necessário, tomei alguns cuidados. Antes da sua realização, através de contactos prévios, convidava os pioneiros a trazerem consigo objectos sobre o ritual. Alguns trouxeram fotografias e/ou, a *titovka*, a *rutica*, os boletins. Outros não trouxeram nada. Sempre que possível, tentei que as entrevistas acontecessem nas suas casas. No entanto, cheguei a fazer duas entrevistas nos locais de trabalho e outras duas em cafés públicos.

Outra questão que penso ser pertinente realçar é que, já que filmei, operei o som e entrevistei sozinha,¹³ utilizei um tripé para que, durante a entrevista, conseguisse olhar os meus interlocutores nos olhos e não através de uma câmara, aproveitando as alturas em que esclarecia dúvidas em inglês para corrigir os planos. Porque, muito importante, insisti para que as entrevistas se realizassem em esloveno, a sua língua materna. Como não dominava a língua a um nível de conversação elevado, acordei com cada entrevistado em colocar as perguntas em inglês e receber as respostas em esloveno. Sempre que precisasse de esclarecer alguma coisa, no final da resposta pedia uma pequena tradução em inglês. Mais tarde, antes de editar, tive o apoio de dois colegas eslovenos que transcreveram e traduziram as entrevistas na íntegra. Realizei 10 entrevistas, entre 20 e 50 minutos cada. Por motivos de falha técnica, uma das entrevistas não foi incluída na edição – o som não ficou com qualidade suficiente, por ser minha primeira entrevista, não dominava ainda o equipamento que estava a utilizar. Foram realizadas em vá-

13 Com excepção das entrevistas realizadas na Nova Gorica, onde tive ajuda da Eva Matarranz, minha colega e amiga, muito íntima dos entrevistados.

rias localidades da Eslovénia – Celje, Cerklje, Ljubljana e Nova Gorica. Pretendia uma maior diversidade de lugares, mas a escolha de intervenientes ficou condicionada, por um lado, pela estratégia da bola de neve que utilizei, com origem no meu círculo de amigos e, por outro, pelo curto espaço de tempo que tive para a realização do filme – 2 meses – imposto pela produtora com quem estava a colaborar.

A MONTAGEM

Mark: não guardei nada. Nem o lenço, nem o chapéu. Nada. (...) O que eu quero guardar é essa ideia bonita.

Domen: Tínhamos a sensação de que nos estávamos a integrar numa comunidade, como num ritual iniciático.

Nina: Sentíamos que estávamos a fazer parte de uma comunidade de camaradagem e fraternidade.

Marko: “Unidade e Fraternidade”, pois. Eles estavam a dizer isto a toda a hora.

(Transcrição de um excerto do filme)

Já referi que as entrevistas foram transcritas na íntegra. Através de análises de conteúdo, agrupei os seus excertos por nichos temáticos com os quais teci um texto, colando as entrevistas da mesma forma que um antropólogo “cola” os seus textos etnográficos quando conjuga informações de diversas fontes sobre um mesmo fenómeno. Agrupei memórias, alinhei o ritual na sua cronologia e compilei as ideias sobre o passado e o presente. Só introduzi as entrevistas na minha linha de montagem depois de ter elaborado esta estrutura textual. Aqui, ao mesmo tempo que procurei construir um colectivo – os últimos pioneiros – a partir das memórias individuais fragmentadas, tive a preocupação de mostrar diferentes perspectivas ideológicas (umas mais *Yugonostálgicas* que outras, por exemplo) e de não eliminar traços da individualidade de cada entrevistado – tentando captar no filme os seus gestos, estilos de indumentária, espaços domésticos, titubeações, cor política. Afinal, o que eu tentei fazer aqui foi reconstruir e aceder à memória colectiva através das várias interpretações das memórias individuais. “Personal memory (...) while referring to collective memory, also jealously maintains individual exclusivity and eccentricity, cherishing its own, singular small stories from the past that are in the sole possession of an individual, although part of larger history.” (Boym citada por Velikonija 2008: 26). Depois de estruturado o texto, as minhas opções de montagem procuraram evidenciar o carácter fragmentário das memórias. E se o meu objectivo era situar o filme no tempo evocado pela nostalgia, tinha de adicionar os outros elementos sensitivos: as imagens, o som. Assim, articulei com as palavras as imagens de arquivo, a música, o hino e palavras rituais que tinha compilado ao longo da minha investigação. MacDougall (1998) problematiza a utilização de imagens de objectos descontextualizados: “In the case of material culture, the forms under analysis are the direct product of members of the culture, and are visible forms transported from one context to another. In the new context they are transformed because the conditions in which they are viewed are different.”. Realça assim que os artefactos em si, isolados, não comunicam cultura, simplesmente referenciam-na. Mas devidamente contextualizada, a imagem tem o poder de enquadrar as pessoas e as coisas. Através da justaposição, via edição, dos relatos de memória com imagens da parafernália iconográfica da Yugonostalgia, procurei imbuir as coisas e os sons dos seus usos e significados passados, ou seja, recontextualizá-los. Tentei contextualizar também as emoções invisíveis. Por exemplo: numa dada altura do filme, ouve-se a música *Lepo je v naši domovini biti mlad* (É bonito ser-se jovem na nossa nação), que surge de uma forma aparen-

temente não diegética. No entanto, este elemento foi-me referido numa das entrevistas pelo Mark, quando me disse que não tinha guardado nenhum objecto dessa época, mas que actualmente utilizava esta canção nalgumas das suas performances enquanto artista plástico. Embora não esteja explícito no filme, esta banda sonora é utilizada quando o Mark a evoca, como se entrássemos de súbito nas suas memórias auditivas. Ao mesmo tempo, o carácter ambíguo desta canção – nostálgico mas também com uma possível leitura sarcástica quando perspectivado pela situação presente na Eslovénia, com elevadíssimas taxas de desemprego jovem – ajudou-me a transmitir de forma subtil a maneira como estas formas de olhar o passado são, na verdade, uma avaliação crítica da situação actual do país.

NOSTALGIA REFLEXIVA

Mark: Éramos demasiado novos para perceber o que estas palavras queriam dizer. (Transcrição de um excerto do filme)

No episódio que descrevi no início do texto, o Mark teve, pela primeira vez, consciência do significado das palavras que todos os pioneiros repetiam no Dia da República e reavaliou-as, à luz da sua situação presente. Li mais tarde que os usos do passado podem passar por estratégias de silenciamento, de renúncia, de revisões históricas ou de glorificações acríticas dos tempos idos. Esta última estratégia é a essência do fenómeno *nostalgia* (Boym 2001). O repertório da nostalgia “consists of images of a safe society, calm times, prosperity, and solidarity among people” (Velikonja 2009: 538). Efectivamente, um estudo realizado em 2006 demonstrou que a maioria dos jovens eslovenos imaginavam a Jugoslávia como uma “federação segura, estável, justa, unida, simples, onde as pessoas estavam satisfeitas, sem sentimentos de ambiguidade e cultivavam os valores do colectivismo, da solidariedade e da igualdade” (Peèjak citado em Velikonja 2008: 96). Ao distinguir entre dois tipos de nostalgia – restauradora e reflexiva – Boym diz-nos que a segunda pode ser irónica, utilizar estratégias de humor e conjuga saudade (*longing for*) com pensamento reflexivo, colocando memórias afectivas sob avaliação crítica. Tentei terminar o filme evocando esta dimensão das memórias sobre os valores transmitidos através do ritual retratado:

Domen: Lembro-me deste dias com alguma nostalgia, estávamos no início das nossas vidas, e pelo que me lembro era tão bom. Depois veio este mundo novo, um mundo que não entendo muito bem. Com novos valores, diferentes daqueles que nós jurámos enquanto pioneiros.

Mark: Isto não era propaganda para servir o sistema. Era antes uma ideia sobre como as pessoas podiam viver melhor. Foram-nos dadas algumas ferramentas muito importantes que podemos usar ainda nas nossas vidas.

Kaja: Fomos educados de uma maneira em que nos devíamos ajudar uns aos outros. Vivíamos numa comunidade. Hoje em dia penso que não funciona da mesma maneira.

(Transcrição do excerto final do filme)

Em dialéctica com o presente, estas reflexões sobre o passado são um espelho da sociedade eslovena actual, reflexo das contingências sociais descritas brevemente na primeira parte do texto. Aproximam os meus entrevistados de discursos políticos globais anti-capitalistas e de rejeição de uma globalização desigual, ao reafirmar valores como justiça social, propriedade pública, acesso à saúde e educação, solidariedade e união entre nações. Esta avaliação do passado pode ser inclusivamente transformadora, levar à acção sobre o presente e ter implicações futuras:

“nostalgia is not (only) something intimate, a romantic memory, an innocent self-fulfilling fairy tale, but it can also be a strong social, cultural and political force, producing practical effects in its environment” (Velikonja 2008: 28).

Como tentei ilustrar neste artigo, a estrutura do filme procurou seguir as minhas descobertas sobre o tema e tecer, através das memórias, este ritual, tendo em conta a construção de uma memória individual e colectiva, elencando ainda os mecanismos no qual ela se sustenta (músicas, desenhos, palavras, saúde, hábitos corporais) – e a sua relação com o presente, como nostalgia reflexiva. O filme, através das memórias, fala de processos de aculturação mas também de agenciamentos potencialmente transformativos – porque reflexivos e críticos, do presente, utilizando recursos do passado.

DEVOLUÇÃO DO FILME E A CONTÍNUA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ANTROPOLÓGICO

Ao terminar o filme e antes de o disponibilizar na revista online onde eram publicadas as peças realizadas pela minha produtora, enviei um link da versão final da curta metragem a cada um dos entrevistados. A recepção foi positiva e tive autorização para a tornar pública. Mais tarde tive oportunidade de falar pessoalmente com alguns dos entrevistados que consideraram que os fragmentos das suas memórias estavam bem retratados e que, com o visionamento do filme, reconstruíram pela primeira vez a memória completa de todo o ritual. A realização do filme demorou dois meses mas a sua vida enquanto dispositivo de conhecimento sobre o tema que quis explorar ainda não se encerrou. O filme percorreu alguns festivais em Portugal, na Eslovénia, na Croácia e no México.¹⁴ Tive a oportunidade de estar presente em alguns e de assistir às reacções do público. Sobretudo em Izola, Eslovénia, na estreia do filme, observei risos cúmplices e espantos de entendimento de algumas das pessoas que estavam na audiência – provavelmente a sentirem os mesmos acessos mnemónicos que os participantes do filme. Mais tarde, tive a oportunidade de mostrar o filme a amigos de outros países da Ex-Jugoslávia que sentiram sensivelmente o mesmo reconhecimento relativamente ao ritual, mas tinham leituras diversas do passado e da realidade presente. Nomeadamente nos contextos onde a guerra dos balcãs teve efeitos mais intensos, a ideia da Jugoslávia desperta emoções muito diferentes das despertadas na Eslovénia e merecem ser exploradas com outra delicadeza e com muito maior profundidade.¹⁵ Recepções curiosas para mim foram ainda as de dois amigos Albaneses – que ao verem o filme recordaram e descreveram-me o ritual semelhante pelo qual passaram no seu país e daqui passaram para uma descrição exaustiva do antigo regime da Albânia. E um amigo de infância português, membro do partido comunista nacional, também iniciado no movimento pioneiro, depois de ver o filme e sentir reconhecimento e empatia com o tema, partilhou comigo a vontade de realizar um projecto semelhante em Portugal. Não antes de partilhar comigo a estrutura do ritual no território português. Em suma, um filme sobre a memória tornou-se ele mesmo

14 Foi seleccionado para a competição oficial das edições de 2013 dos festivais FEST, em Espinho, Portugal, K3, em Ljubljana, Eslovénia, FSF - Festival Slovenskega Filma, em Portorož, Eslovénia, RAF - Revija Amaterskog Filma, Zagreb, Croácia e FNF - Festival Neodvisnega Filma Slovenije, Ljubljana, Eslovénia. Foi ainda exibido publicamente no Festival Kino Otok, em Izola, Eslovénia, na Mostra de Filme Etnográfico, em Vila Real, Portugal e no Festival Todos Somos Otros na Cidade do México.

15 A transição de regimes retratada no meu filme seria muito diferente se trabalhada noutro contexto da antiga Federação – a desintegração da Jugoslávia custou à Eslovénia 10 dias de guerra. 44 pessoas morreram. No entanto, no total do conflito, e entre os outros estados, mais de 100 mil pessoas perderam a vida.

num catalisador de memórias dos mesmos eventos ou de eventos relacionados com a celebração dos pioneiros, mesmo em contextos distintos. Cada vez que mostro o filme, recebo mais informações sobre o ritual, mais descrições sobre o passado na Jugoslávia ou sobre a retórica socialista/ comunista. Se editasse hoje o material recolhido, faria um filme diferente, eventualmente mais completo por ter um conhecimento mais amplo do objecto retratado. Alguns elementos a que não dei importância na altura da montagem foram excluídos da versão final, como uma altura da cerimónia em que todos os pioneiros comiam um bolo. Esta informação pareceu-me trivial. Mas agora, depois de ter reflectido sobre as estratégias de difusão de ideologia através da combinação de elementos lúdicos e ideológicos, esta parte da cerimónia parece-me dotada de outro significado. Afinal, esta era “a maior memória” para muitos dos pioneiros entrevistados, não as palavras do hino sobre as quais só agora reflectiram.

Domen: No final, recebíamos um pequeno bolo. Foi a primeira e a última vez que comemos um bolo na escola primária

Miha: No final, preparavam-nos um bom almoço.

Kaja: E eu lembro-me que recebíamos algum bolo.

Kris: Havia uma mesa com alguns bolos e alguns sumos e nós mal conseguíamos esperar para comer esses bolos!

Tadej: Recebemos uma sobremesa e um sumo e esta é a maior memória de toda a gente. Comemos strudel e bebemos um sumo cor-de-rosa dessa altura (...) e nessa altura não havia muitas coisas para sermos mimados; era um presente para nós.

(Transcrição de excertos de entrevistas não incluídas na edição final)



Fig. 5: Tadej, no final da cerimónia, 29.11.1990, Nova Gorica.

BIBLIOGRAFIA

- Baric-Hayden, Milica and Robert M. Hayden. 1992. "Orientalist Variations on the theme "Balkans": Symbolic geography in recent Yugoslav cultural politics since 1987". *Slavic Review* 51: 1-15.
- Barthes, Roland. [1980] 2009. *A Câmara Clara*, Edições 70: Lisboa.
- Bourdieu, Pierre. 1979. *La Distinction*. Minuit: Paris.
- Boym, Svetlana. 2001 *The Future of Nostalgia*. Basic Books: Nova Iorque.
- Debeljak, Aleš. 2003. "European Forms of Belonging" *East European Politics and Societies* 2003 17: 151 (<http://eep.sagepub.com/content/17/2/151>).
- Erdei, Ildiko. 2006. "The Happy Child" As an Icon of Socialist Transformation: Yugoslavia's Pioneer Organization" in *Ideologies and National Identities: The Case of Twentieth-Century Southeastern Europe*, Lampre, John & Mark Mazowe. Central European University Press: Budapest (<http://books.openedition.org/ceup/2428>).
- Löfgren, Orvar. 1991. "The Nationalization of Culture: Constructing Swedishness", *Studia Ethnologica* Vol. 3, p. 101-116.
- MacDougall, David. 1998. *Transcultural Cinema*, Princeton University Press: Princeton.
- Mauss, Marcel. 1936. "Les techniques du corps", *Journal de Psychologie*, XXXII, pp. 271-293.
- Velikonja, Mitja. 2008. *Titostalgia – A Study of Nostalgia for Josip Broz*. Ljubljana: Peace Institute.
- Velikonja, Mitja. 2009. "Lost in Transition: Nostalgia for Socialism in Post-socialist Countries" *East European Politics and Societies* 23: 535 (<http://eep.sagepub.com/content/23/4/535>).

THE LAST PIONEERS: MEMORIES OF A RITUAL

In former Yugoslavia children were initiated in the pioneer movement under the Federation's ideal of "Unity and Brotherhood". In the 1990s other values started entering the newly independent Republic of Slovenia. How was this transition felt by the last generation of pioneers?

Keywords: pioneers; Yugonostalgia; Slovenia; memory; ritual; ethnographic film

Recebido em: 2013-11-30

Aceito em: 2014-03-07